



RECENSÃO

Barham, Lawrence; Mitchell, Peter. 2008. *The First Africans, African Archaeology from the Earliest Toolmakers to Most Recent Foragers*. Cambridge, Cambridge University Press. Isbn: 978-0-521-61265-4, 622 pp., 26,00€

Telmo Pereira*

¹ Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia, Universidade do Algarve, Portugal.

* telmojrperreira@gmail.com

Apresentação

África tem o registo arqueológico mais longo de todo o Planeta e é o território onde ocorreram as fases mais relevantes da evolução física, adaptativa, tecnológica e cultural da humanidade. Por esta e outras razões, é uma das regiões que mais atenção recebe da comunidade científica arqueológica. Este facto resulta numa torrente de informação muito diversificada que nem sempre é fácil de gerir ou de manter actualizada. Neste sentido, as obras generalistas surgem como uma ferramenta fundamental de compilarem o estado da arte em diversos assuntos à data da sua edição. Por outro lado, as dimensões do território, as

idiosincrasias de cada região, o espaço temporal do registo arqueológico, o vasto leque de disciplinas utilizadas, a lista de casos de estudo e a quantidade de variáveis envolvidas fazem com que qualquer obra deste género apresente algum tipo de lacuna. Neste artigo apresentamos um desses livros através da descrição e análise de cada um dos capítulos e da obra em geral.

O livro *The First Africans, African Archaeology from the Earliest Toolmakers to Most Recent Foragers* é uma obra geral sobre a arqueologia africana produzida por Lawrence Barham e Peter Mitchell. Trata-se de um volume de 622 páginas publicado em 2008 pela Cambridge University Press, no

âmbito da colecção Cambridge World Archaeology. O documento apresenta-se em três formatos distintos: capa dura (€78), capa mole (€26) e [Adobe eBook Reader](#) (€24). Ambas as edições em papel têm as mesmas medidas (228 x 152mm) e pesos semelhantes (0,94Kg e 0,9Kg, respectivamente). À excepção da capa, contra-capas e lombada, toda a obra é a preto e branco, facto que permitiu uma substancial redução do preço de capa e, conseqüentemente, facilita a sua massificação. Apesar disso, todas as 117 ilustrações (fotografias, gráficos, desenhos e tabelas) são de muito boa qualidade, algumas delas ocupando páginas completas.

Lawrence Barham é professor na School of Archaeology, Classic and Egyptology da Universidade de Liverpool, bem como membro do Council of the British Institute in Eastern Africa. O seu trabalho tem incidido na região Centro-Sul de África com o objectivo de responder a questões relacionadas com o desenvolvimento do comportamento humano durante o Plistocénico Médio. Do ponto de vista editorial, para além de uma vasta lista de artigos em revistas de referência mundial, é também editor da revista *Before Farming: The Archaeology and Anthropology of Hunter-Gatherers*. O seu colega, Petter Mitchell, é professor de Arqueologia Africana na School of Archaeology da Universidade de Oxford, tutor e associado em Arqueologia no St. Hugh's College de Oxford e foi presidente da Society of Africanist Archaeologists. A sua investigação tem abordado a *Late Stone Age*, particularmente a arqueologia dos caçadores-recolectores e da vasta região do Sul de África, com incidência nos sistemas de

subsistência e a reconstrução ambiental. Sendo também autor de uma vasta lista de artigos internacionais, escreveu o livro *The Archaeology of Southern Africa and African Connections: Archaeological Perspectives on Africa and the Wider World* e faz parte do quadro editorial de nada mais, nada menos que sete revistas de referência.

A obra

O livro encontra-se dividido em onze capítulos, tendo cada um deles entre 40 a 50 páginas. Na globalidade encontra-se organizado cronologicamente, correspondendo os primeiros capítulos às fases mais antigas e os últimos às mais recentes. A definição dos limites de cada capítulo tem uma base ambiental. Quer isto dizer que, em vez de grandes blocos cronológicos de igual dimensão ou definições culturais mais ou menos tradicionais, os autores preferiram separar as suas ideias em grandes fases de variação climática.

À excepção dos dois primeiros capítulos, que são de enquadramento, cada um dos restantes foi sub-dividido em diferentes apartados. No primeiro apartado é apresentada uma detalhada descrição das variações climáticas ocorridas no período de tempo abordado no capítulo, com especial enfoque na forma como a paisagem se alterou e os ecossistemas se expandiram ou retraíram. Os apartados seguintes procuram descrever os principais fenómenos, quer sejam evolutivos ou culturais mas sempre apresentando-os como estratégias adaptativas conscientes ou não. Apresentados esses fenómenos, os autores

expõem de forma mais detalhada os dados conhecidos, organizando-os por grandes regiões, normalmente, Norte, Oeste Este, Centro-Sul e Sul. Conforme nos vamos aproximando do presente, a informação é mais rica e detalhada e as diferenças regionais se acentuam, cada uma dessas regiões é dividida quando necessário. No interior de cada capítulo surgem frequentemente caixas, cujo objectivo é esclarecer ou ilustrar alguns aspectos em concreto como metodologias, jazidas de maior destaque, aspectos evolutivos ou culturais. Por fim, cada capítulo é encerrado com um resumo do tema tratado.

No primeiro capítulo, *Introducing the African Record* (páginas 1 a 28), os autores começam por apontar três dos principais marcadores da importância da arqueologia africana: a evolução dos homínidos nos últimos 7 milhões de anos, a existência de pelo menos três *Out of Africa*, e o Comportamento Humano Moderno. Segue-se uma caixa explicativa da terminologia aplicada aquando da apresentação das datações e entram numa sequência de 13 páginas onde expõem um resumo da história da investigação no continente africano desde os finais do Século XIX. Neste apartado, os autores vão sistematicamente salientando os problemas da aproximação histórico-culturalista tradicional, nomeadamente da terminologia *Early, Middle e Late Stone Age* e da limitação da qualidade interpretativa do passado com base apenas no registo fóssil humano e artefactos. Assim, no apartado *An Alternative Framework*, apresentam algumas formas que a ciência encontrou nas últimas décadas para solucionar tal problema,

resultando numa profunda e irreversível transformação epistemológica. Dentro desta mudança de paradigma, os autores salientam o emprego da nomenclatura de Clark (1969) para os líticos em substituição da europeia, a crescente utilização e refinamento tanto das datações absolutas como das arqueociências, a crescente incorporação dos dados paleoambientais na interpretação dos fenómenos evolutivos e culturais e a utilização dos estados isotópicos marinhos como enquadramento cronológico.

No segundo capítulo, *Frameworks in Space and Time* (páginas 29 a 58) os autores começam por apresentar ao leitor a geografia física de África e uma breve resenha da sua formação a partir do momento da fragmentação do super-continente Gondwana. De seguida, são descritas as diferentes paisagens que hoje existem neste continente, cada uma acompanhada de uma boa imagem que permite uma clara distinção visual entre cada uma delas e de um mapa com as suas localizações actuais. Esta opção revelar-se-á de uma extrema utilidade ao longo de todo o livro, uma vez que servirá de base para todos os enquadramentos ecológicos existentes durante a leitura.

Na segunda parte, explica-se de que forma se faz a reconstituição ambiental, climática e paisagística a partir dos registos oceânicos, lacustres, geológicos e faunísticos. O capítulo termina com a apresentação dos métodos de datação mais utilizados.

No terceiro capítulo, *First Tool-Users and -Makers* (páginas 59 a 107), os autores começam por explicar a diferença substancial entre uso e fabrico de ferramentas. Para isso

fazem uso da etologia e, de seguida, da primatologia. A explicação do contexto social da aprendizagem entre chimpanzés e bonobos, principalmente no que diz respeito à estruturação social, diferenciação de actividades por género e analogia com algumas ferramentas em material orgânico recolhidas em contextos antigos como os de Swartkrans serve de base para o salto de fé para a inferição do comportamento dos primeiros hominíneos. O sucesso do uso das ferramentas é relacionado com uma estratégia adaptativa de longa duração que terá ocorrido em crescendo mas que para a qual faltam dados concretos. No entanto, as características particulares da mão do *Australopithecus afarensis* parecem confirmá-lo de forma quase indubitável. As ferramentas teriam funcionado como um prolongamento ao corpo dos indivíduos permitindo uma melhor aquisição de alimento e/ou redução de risco durante o processo da sua aquisição. Nesta argumentação, e utilizando como exemplo alguns dos achados de Swartkrans e Drimolen, os autores defendem que uma das possibilidades terá sido o uso dessas primeiras ferramentas, não líticas e perecíveis, para a exploração de insectos e geófitos, actividade essa que poderá ter sido desenvolvida por *Paranthropus*, *Australopithecus* e *Homo*, tal como as primeiras ferramentas líticas. No entanto, comparando as características da mão humana, dos chimpanzés, do *Australopithecus afarensis* e os resultados do talhe feito pelo bonobo Kanzi, os autores moldam o texto de forma a favorecer a hipótese desta última espécie fóssil ser a raiz dessa invenção, a qual terá sido mais tarde

plenamente desenvolvida pelo *Homo habilis*. Apesar desta linha de pensamento, os autores rejeitam sempre a relação directa entre espécies hominíneas e culturas materiais, salientando os perigos associados a tal ligação linear dos factos e leitura simplista.

O surgimento das ferramentas líticas há 2,6Ma é fortemente relacionado com a súbita mudança de regime do rio Awash. Esta mudança levou à formação de uma extensa cascalheira que disponibilizou aos grupos locais uma vasta fonte de matéria-prima sob a forma de seixos rolados, com características óptimas para a produção de ferramentas. O facto de os padrões tecnológicos de redução desses seixos serem extremamente elaborados logo desde os primeiros momentos permite que os autores aventem a possibilidade da existência de um conhecimento e domínio das propriedades físicas desta matéria-prima e, muito provavelmente, a existência de talhe em momentos anteriores. Os autores enfatizam a relação entre clima, dieta e fabrico de ferramentas líticas através de diferentes aspectos. Entre eles, apontam as modificações ambientais, o correspondente impacto na paisagem e consequente afectação dos recursos disponíveis; salientam o surgimento de um padrão composto pela presença dos materiais líticos com gume cortante associados a carcaças de herbívoros; e deduzem as vantagens que as espécies generalistas teriam tido relativamente às especializadas e de como a mudança de dieta no sentido de um maior consumo de proteína animal poderá ter tido impacto na encefalização. Uma caixa com a explicação de

como a análise de isótopos permite inferir os padrões de dieta das populações do passado revela-se de grande interesse não só didático mas também para a compreensão das páginas seguintes onde abordam a eventual exploração de geófitos.

No quarto capítulo *Early Pleistocene Technologies and Societies* (páginas 108 a 158) os autores abordam o Modo 1, evidenciando o facto de que a aparente invariabilidade tipológica é enganadora. As variações tecnológicas verificadas são relacionadas tanto com condicionantes externas como a disponibilidade e características das matérias-primas como também uma crescente transmissão de tradições cuja base terá sido uma crescente complexificação social e individual. A descrição das indústrias é unicamente tecnológica, o que retira o leitor da (tentadora) ligação entre antiguidade e incipiência, tendo os autores o cuidado de salientar o facto de a exploração dos blocos de matéria-prima revelarem um grau de planeamento, concentração e destreza que em muito supera aquelas utilizadas pelos chimpanzés na tarefa de quebrar nozes.

Explicado o Modo 1, os autores entram no Modo 2 com a introdução de uma caixa sobre os utensílios configurados. Esta passagem, tal como a maioria das restantes apresentadas na obra, é relacionada com uma resposta aos rigores climáticos registados entre 1,8 e 1,6Ma embora se esclareça que há uma prolongada coexistência entre os dois Modos e, ao mesmo tempo, se apresente a coincidência temporal entre a emergência do Modo 2 no registo arqueológico e do *Homo erectus* no paleoantropológico. A partir deste

momento, a riqueza arqueológica determina a opção dos autores em iniciarem o retalhe da informação pelas grandes regiões atrás indicadas. Esta opção resulta muito bem porque permite compará-las entre si. Para além dos artefactos líticos, é também dado destaque a alguns dos artefactos conhecidos em osso e madeira, interpretados como forma de obtenção de proteínas e geófitos, bem como ao uso intencional do fogo. Relativamente a este elemento, são indicados alguns dos vestígios conhecidos coevos desta altura mas também de outros anteriores ao próprio Quaternário. Procura-se assim chamar à atenção para o perigo das interpretações precipitadas sobre este tipo de vestígios. Ainda assim, os autores revitalizam a importância deste elemento referindo não só a importância que terá tido em aspectos como o aquecimento, a protecção, a confecção de alimentos, a iluminação, o controlo de pestes, a produção de ferramentas, a caça e até na regeneração da paisagem, mas também o facto de o uso deste elemento requerer a compreensão dos processos físicos ligados à queima e uma profunda capacidade de planeamento para o manter aceso.

Na segunda parte do capítulo, surge um extenso apartado, enriquecido por diversas caixas, em que se apresentam o *Homo habilis* e o *Homo erectus* como algo de completamente diferente na paisagem. Seres apetrechados com uma boa destreza, elevada capacidade cerebral, erectos, que baseiam a sua sobrevivência e prosperidade no uso de ferramentas, na crescente complexificação social e na exploração de territórios cada vez mais amplos. Isso coloca-

os numa posição de destaque e numa posição superior da cadeia alimentar.

No quinto capítulo, *Mid-Pleistocene Foragers* (páginas 159 a 200), as implicações destas características são debatidas e relacionadas com as variações climáticas. A forma como terão funcionado enquanto mecanismo de superação das limitações impostas pelos períodos de degradação climática é apresentada como uma crescente capacidade de adaptação, comunicação e riqueza linguística. A linguagem é apresentada como tendo sido fundamental para o melhoramento dos mecanismos de caça, recolção e transmissão de informação, nomeadamente, ao nível dos conhecimentos tecnológicos e das formas de superar os constrangimentos derivados da fragmentação dos ecossistemas durante os períodos de degradação climática. Destaca-se o desenvolvimento nas caixas endocranianas do *Homo habilis*, *Homo erectus* e *Homo heidelbergensis*, principalmente referindo-se que parecem ter sido as áreas ligadas à comunicação aquelas que mais se desenvolveram. Ensaia-se também a potencial relação entre a reunião dos indivíduos em volta do fogo e o desenvolvimento da comunicação e linguagem.

Neste capítulo, os autores abordam a tecnologia, no sentido de a mesma ter fomentado uma cada vez maior capacidade/flexibilidade de exploração de recursos e, conseqüentemente, uma maior capacidade adaptativa. Esta flexibilidade parece estar patente no maior leque de recursos e ambientes explorados. O biface representa um marcador claro da inerente

capacidade cognitiva. Os autores focam a forma como este utensílio dá pistas importantes relativamente à gestão da matéria-prima e ao eventual uso de percutor brando que, juntamente com a pré-determinação dos machados-de-mão, nos permite inferir as suas capacidades ao nível cognitivo. Paralelamente, discutem a forma como esta complexidade tecnológica se encontra em linha com o desenvolvimento dos núcleos configurados Victoria West e Levallois.

No sexto capítulo *Transitions and Origins* (páginas 201 a 259) dá-se particular destaque aos picos de frio e aridez ocorridos durante o MIS 12 e MIS 10e à conseqüente extinção de alguns casos de megafaunas especializadas e a sua respectiva substituição por faunas generalistas. É salientado que tais fenómenos, associados a momentos quentes e frios cada vez mais curtos, terão resultado numa maior pressão selectiva sobre as populações humanas cuja conseqüência terá sido o estrangulamento da diversidade genética humana, ocorrido por diversas vezes entre 300 e 100 mil anos. Também aqui, é incorporada uma extensa caixa (cinco páginas) cujo objectivo é explicar a forma como a ciência consegue chegar a tal dedução.

Neste momento, os autores são obrigados a dar um salto cronológico considerável para trás e que pode causar confusão ao leitor. Este salto justifica-se pelo facto de o texto sobre a pressão ambiental ser extenso e de não deixar espaço para a incorporação da tecnologia, tema que tem que entrar à parte, mais à frente com algum detalhe dado que é necessário explicar também a transição do

Modo 2 para o Modo 3. Sem entrarem profundamente nos aspectos relacionados com a redução da pedra, os autores procuram essencialmente salientar o facto de que a produção foi no sentido de se obterem suportes relativamente pequenos, de forma pré-determinada e padronizada para serem encabados em pegas, resultando também no surgimento de suportes alongados e do retoque de dorso. Os utensílios encabados exigem uma maior complexidade cognitiva uma vez que combinam um cabo em matéria orgânica (madeira ou osso) com ponta e gumes em pedra, unidos entre si pelo uso de mástiques. Este tipo de utensílio tem diversas vantagens: são mais especializados, menos pesados, permitem maior facilidade na sua reciclagem e na manipulação da carne, reduzem o risco durante a caça e permitem a utilização de veneno na ponta lítica. O uso de veneno exige um profundo conhecimento das propriedades das plantas e animais de onde são extraídos. São normalmente combinados com mais do que um elemento e tendem a necessitar a sua preparação ao lume; processo em tudo semelhante à produção de mástique. Dado que o registo arqueológico assinala uma crescente diversidade regional do Modo 3, é com naturalidade que tanto o nome como a descrição das indústrias mais conhecidas surjam na obra. Assinala-se a antiguidade do Modo 4, o facto de os Modos 1, 2, 3 e 4 surgirem associados em diversas jazidas e descrevem-se alguns casos dentro de cada uma das grandes regiões. Refere-se ainda a singularidade do Ateriense a Norte com o surgimento das pontas pedunculadas e dedica-se uma caixa às indústrias Lumpeban e Sangoan.

No final, dá-se atenção ao território da África do Sul, com a apresentação da sequência de Klasies, Blombos, dos tecno-complexos líticos segundo Wurz (2002) e entra-se na problemática do surgimento do Comportamento Humano Moderno, tendo como datação de base aquela que é conhecida em Pinnacle Point. Este fenómeno é enquadrado nas oscilações climáticas do MIS6, nomeadamente no acentuado recuo da linha de costa, com a grande redução de recursos alimentares, a intensificação no uso de geófitos e o início da exploração dos recursos marinhos. Apesar de referirem a existência de conchas perfuradas, ocre, arte e utensílios em osso, os autores não apresentam de forma clara nem o problema nem a lista de critérios que definem este fenómeno. Estes factos atenuam claramente a sua importância e tornam-no, até, discreto para quem não esteja por dentro do assunto. Do nosso ponto de vista, parece faltar aqui, claramente, uma caixa sobre o assunto e a lista publicada por McBrearty & Brooks (2000).

No sétimo capítulo *The Big Dry: The Archaeology of Marine Isotope Stages 4–2* (páginas 260 a 307), os autores começam por destacar a mega-erupção do Monte Toba, a qual merece uma caixa relativamente redundante ao texto subsequente e continuam o texto com a apresentação de diversos episódios de frio e aridez inerentes à fase correspondente ao MIS4 até ao final do MIS2. Reforça-se a ideia do necessário refinamento dos modelos adaptativos, do impacto demográfico desta fase de degradação climática e de que forma o cruzamento de dados interdisciplinares

permite a identificação de zonas de refúgio. São dados exemplos de contactos e trocas entre regiões, nomeadamente entre o interior e a costa através da enumeração de vários exemplos de adornos sob a forma de conchas marinhas perfuradas recuperadas a dezenas de quilómetros no interior. Complementarmente, é também referido o surgimento do tecno-complexo de Howiesons Poort, cuja diferenciação relativamente aos anteriores se encontra presente numa viragem para o uso crescente de matérias-primas de grão mais fino, a redução de núcleos prismáticos para a produção recorrente e padronizada de lâminas e lamelas e pela produção de geométricos. No seguimento deste quadro cultural, é feita a primeira analogia explícita com as populações forrageadoras actuais, concretamente, com as trocas *hxaro* das comunidades San do Kalahari, bem como referência às análises traceológicas em Sibudu Cave, aos primeiros enterramentos humanos, à crescente estruturação dos acampamentos e às particularidades da microlitização a nível regional. Neste contexto de complexificação e pressão, é referida a circulação humana para fora e dentro de Africa, tema que é abordado não só através dos dados arqueológicos mas também através dos estudos de ADN humano.

A segunda metade do capítulo é relativo ao Último Máximo Glaciar. Novamente, referem-se os impactos ambientais, na expansão das zonas áridas e na redução dos cursos fluviais. É dada atenção à diferenciação cultural nas diferentes regiões mas o texto demonstra uma viragem da

atenção agora para as regiões a Norte. Destacam-se as particularidades do Iberomarusiense, à sua aparente semelhança com algumas indústrias extra-africanas, bem como à sua coexistência com a crescente presença de restos de peixe (principalmente peixe-gato), pontas em osso, restos vegetais e dormentes. Estes dados são interpretados como indicadores de uma crescente sedentarização das populações, complexificação social, pressão demográfica e pressão sobre os recursos. Esta crescente tensão entre grupos parece confirmada pelos casos de Wadi Kubbaniya e Jebel Sahaba, dois cemitérios onde os indivíduos aparentam terem sido mortos violentamente com pontas de setas. Outro caso excepcionalmente claro da complexidade existente nas populações é indicado pelo Osso de Ishango, o qual apresenta um conjunto de marcas interpretadas como demonstrativas de um profundo conhecimento matemático.

No oitavo capítulo *Transitions: From the Pleistocene into the Holocene* (páginas 308 a 355) os autores abordam a passagem do Plistocénico ao Holocénico, concretamente, o período balizado entre 15 e 8 mil anos. A melhoria verificada nesta altura parece ter levado à recolonização dos territórios que foram abandonados devido à degradação climática, à migração de grupos humanos, à introdução de novas tecnologias e, principalmente, à instalação de um novo sistema de subsistência. O primeiro apartado apresenta o melhoramento climático verificado até ao Younger Dryas. Esta é uma das raras vezes em que o destaque relativamente ao ambiente vai para um

momento de melhoria climática, com crescimento das áreas florestais, revitalização e enriquecimento da paisagem, aumento dos caudais dos rios e enchimento do volume dos lagos. Este destaque não é inocente uma vez que procura, intencionalmente, fazer com que o leitor siga a linha determinista dos autores, que considera que estas condições foram particularmente favoráveis ao surgimento do sedentarismo. É nesta linha de raciocínio que não só se compreende que o Younger Dryas não receba o mesmo grau de atenção que os restantes momentos de frio e *secura máxima*, bem como o facto de o apartado seguinte se designar *After the Younger Dryas*. Nos parágrafos correspondentes a este tema é descrita a grande pujança do reflorescimento ocorrido após 11,65 mil anos, apresentando-se uma ampla descrição da vegetação, a expansão de vários tipos de ambientes frondosos em detrimento dos mais secos e a extinção de algumas megafaunas.

Os autores abordam de seguida alguns modelos ecológicos, económicos e sociais que terão determinado as alterações culturais. A enorme diversidade cultural não permite o aprofundamento desejável, pelo que se opta por uma breve clarificação dos complexos Robberg e Oakhurst, enquanto outros (Albany, Kuruman, Lockshoek, Pomongwan, Oakhurst, etc.) são apenas referidos sem que se faça ideia do que signifiquem a nível material ou cronológico. A abordagem é no sentido das mudanças operadas sobre o tipo de recursos alimentares selecionados, nomeadamente à crescente exploração de recursos vegetais, de animais de menor dimensão e peixe. Este

fenómeno acompanha uma cada vez maior complexificação, inferida pela “explosão” na quantidade de adornos a partir dos 12 mil anos e pela ampla distribuição geográfica de alguns dos padrões decorativos neles presentes. Evidencia-se a linguística como ferramenta para a compreensão das relações culturais passadas entre populações actuais. A descrição detalhada da transição do Plistocénico para o Holocénico é apresentada conforme as regiões normalmente apresentadas mas agora, como o registo arqueológico é mais rico e oferece informação detalhada sobre a complexificação social, tecnológica e económica, há a necessidade de subdividir algumas delas, principalmente o Norte e o Este de África. O melhoramento climático leva a uma interessante sequência de apartados relativos ao florescimento e consequente recolonização do Sahara, a uma caixa sobre ao barco com 8 mil anos encontrado em Dufuna, ao surgimento da cerâmica, ao início da domesticação e pontuais referências à arte rupestre. Após a apresentação desta região, os autores focam, com bastante menos detalhe, o Oeste e o Magreb. A linguagem surge novamente mas apenas para ilustrar alguns aspectos pontuais.

No nono capítulo *Hunting, Gathering, Intensifying: The Mid-Holocene Record* (páginas 356 a 399) os autores enquadram os aspectos ambientais com a difusão da produção de alimentos e, em particular, com o pastoralismo. O aumento da humidade é apresentada como causadora da realocação da mosca tsé-tsé e esta como barreira à difusão desta prática para regiões

mais meridionais. Os autores são claros na afirmação de que a caça e a recollecção se mantiveram com um forte peso na estratégia de sobrevivência das populações, à qual foi acrescentada, numa primeira fase, o pastoralismo e, depois, a agricultura, nomeadamente através da produção de trigo, cevada e legumes.

Cada uma das grandes regiões é apresentada com detalhe, sempre subdivididas em áreas menores, opção que permite uma clara percepção dos fenómenos a nível interno e uma comparação bastante aceitável a nível inter-regional. As profundas diferenças entre o Norte e Sul de África são bem assinaladas no texto. É também claro o relevo dado à crescente presença de estruturas construídas, muitas delas mortuárias, à complexificação dos habitats, à presença cada vez mais abundante de poços e ao aumento da arte rupestre. Estes fenómenos são tidos como marcadores territoriais e mecanismos que permitem justificar a posse da terra. As inferências relativamente à sazonalidade, sedentarismo e processos de armazenamento são apresentadas com base em resultados de análise de isótopos, nomeadamente no facto de muitos indivíduos exumados a dezenas de quilómetros no interior apresentarem fortes sinais de dieta marinha e vice-versa. Esta ideia é ainda reforçada pela crescente exploração de recursos previsíveis, de alta produtividade e baixo risco, como é o caso dos bivalves ou dos caracóis terrestres. Por seu turno, as inferências feitas para o território Sul, tem por base os paralelismos com as comunidades San, não só nos seus hábitos e comportamentos mas também na

sua tradição oral e na sua arte. O capítulo é rematado com a discussão sobre a definição do conceito de intensificação e a hipótese de ter sido possível ou não a domesticação a Sul do Sahara.

No décimo capítulo, *Foragers in a World of Farmers* (páginas 400 a 442), aborda-se de forma interessante a passagem e inter-acção entre as comunidades com economias de caçadores-recolectores ou forrageadores, para uma economia baseada na produção de alimentos, com base nos trabalhos de Alexander (1984a, 1984b) e Lane (2004), considerando três fases: a pioneira, a de substituição e a de consolidação. Nesta parte da obra os autores praticamente não se referem às variações ou à caracterização ambiental. É apresentada em caixa de texto o conceito de comunidades Dorobo, termo utilizado pelos grupos sedentários produtores de alimentos para definir aquelas que sobrevivem da caça, recollecção, pesca e mercado de marfim. Na apresentação sumária das várias comunidades Dorobo e respectiva cultura material são feitas, sempre que possível, ligações ao registo arqueológico por forma a demonstrar uma continuidade cultural com o passado.

Nesta altura, a proximidade entre arqueologia e antropologia é tal que os autores entram, com naturalidade, no *Debate Kalahari*, uma discussão surgida pelo facto de alguns antropólogos considerarem que as comunidades San e outras semelhantes representam uma pura forma de caçadores-recolectores do passado no presente. Neste sentido e utilizando-as como o melhor *proxy* ao passado, os autores fazem uma breve apresentação de algumas dessas

comunidades, com algumas referências à linguística.

A discussão sobre a abordagem científica aos dados africanos é feita no derradeiro capítulo *The Future of the First Africans' Past* (páginas 443a 462) onde se reflecte sobre a importância destas comunidades na interpretação arqueológica. Esta análise é principalmente feita numa perspectiva ética, uma vez que a ciência, no desenvolvimento do seu trabalho, afecta directamente locais com importância funcional, económica, cultural e simbólica para os grupos de caçadores-recolectores e forrageadores actuais. Entre os casos discutidos, encontram-se a escavação de cemitérios ainda em uso ou a reparação por organizações ocidentais de painéis com arte rupestre. Por outro lado, os autores refletem também sobre as vantagens dos estudos africanos, nomeadamente no que diz respeito ao impacto que estas tiveram na ajuda à preservação destas culturas, na transmissão de conhecimento e no contributo para o desenvolvimento das ciências em geral.

Por fim discutem os modelos e estratégias vigentes para a conservação dos vestígios relativos aos primeiros africanos e as vantagens da introdução dos modelos desenvolvidos pela antropologia cultural em África nos processos de interpretação da arqueologia dos caçadores-recolectores do passado a nível mundial. Com base nisso, fazem um balanço positivo tendo em conta a profunda mudança de paradigma introduzida pela linha de investigação processualista.

Considerações

Os autores de *The First Africans, African Archaeology from the Earliest Toolmakers to Most Recent Foragers* apresentam-se claramente dentro da escola processualista. Dão um claro destaque às dinâmicas ambientais enquanto catalisadores deterministas dos processos evolutivos e mudanças culturais que ocorrem sempre como respostas adaptativas a essas dinâmicas. A associação das suas longas experiências e formações complementares permitiu, criar uma simbiose de sucesso que resultou numa obra de referência para a arqueologia africana. A caracterização diacrónica e inter-regional que apresenta sobre o clima, ambiente e paisagens é, de longe, a melhor e mais detalhada de todas as disponíveis em trabalhos deste género. Isso torna-a, só por si, incontornável.

Apesar de relativamente extensa, é de fácil leitura, não só graças ao estilo de escrita que, apesar de bastante técnica é simples, mas também porque o texto é constantemente suportado por imagens e caixas com curiosidades pertinentes ou informações detalhadas. O curto glossário de três páginas que existe no final, mais do que completar a informação do corpo do texto, permite o esclarecimento de alguns termos técnicos fundamentais. A longa lista de referências bibliográficas permite, por seu turno, que se parta directamente dela para um aprofundamento maior de grande parte dos temas abordados.

Apesar das suas virtudes, a obra está longe de ser perfeita. Desde logo, a necessidade de apresentar a sequência de eventos ambientais leva a que raramente um tema seja abordado de forma circunscrita e

ocorram constantes saltos para trás no tempo ou o retalhamento de um mesmo assunto ao longo do texto. Isto faz com que, por vezes, certos temas se tornem confusos. A cultura material, e principalmente a definição detalhada dos tecno-complexos, são tratadas de forma pouco sistemática, quase displicente, sendo apenas muito raramente possível compreender ou comparar de forma clara mesmo no caso das mais conhecidas. Mesmo aceitando a opção dos autores, parece-nos que um anexo com a descrição sistemática, mesmo que relativamente sumária, de cada um dos tecno-complexos seria fundamental.

Por outro lado, a apresentação das dinâmicas ambientais e consequente impacto na paisagem no início, nos apartados regionais e no resumo final de cada capítulo tornam o discurso demasiado repetitivo. Parece-nos que, se essa informação estivesse toda ela condensada num único capítulo inicial sobre as ecodinâmicas em África durante o Quaternário, não só seria muito mais útil como traria muito maior impacto à obra.

Em suma, apesar das suas virtudes a tornarem incontornável na compreensão dos fenómenos evolutivos e culturais, esta obra não pode ser utilizada como único manual

sobre a arqueologia pré-histórica africana, uma vez que falha profundamente na sistematização dos dados arqueológicos.

Bibliografia

Alexander, J. A. 1984a. The end of the moving frontier in the Neolithic of north-eastern Africa, *In: Krzyzaniak, L.; Kobusiewicz, M. (eds.) Origin and early development of food-producing cultures in north-eastern Africa*. Poznań, Polish Academy of Sciences: 57–63.

Alexander, J. A. 1984b. Early frontiers in southern Africa, *In: Hall, M.; Avery, G.; Avery, D. M.; Wilson, M.L.; Humphreys, A. J. B. (eds.) Frontiers: southern African archaeology today*. Oxford, British Archaeological Reports: 12–23.

Clark, J. D. 1969. *Kalambo Falls prehistoric site Volume I: the geology, palaeoecology and detailed stratigraphy of the excavations*. Cambridge, Cambridge University Press.

Lan, P. J. 2004. The 'moving frontier' and the transition to food production in Kenya. *Azania*, 39: 243–264.

McBrearty, S.; Brooks, A. S. 2000. The revolution that wasn't: a new interpretation of the origin of modern human behavior. *Journal of Human Evolution*, 39: 453–563.

Wurz S. 2002. Variability in the Middle Stone Age lithic sequence, 115,000–60,000 years ago at Klasies River, South Africa. *Journal of Archaeological Science*, 29: 1001–1015.